

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
CENTRO DE LETRAS E ARTES - CLA
FACULDADE DE LETRAS - FL
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
SETOR DE LITERATURA BRASILEIRA

**DESPERTANDO OS FANTASMAS: O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA
LITERATURA FANTÁSTICA**

Julia Rocha Figueiredo

Orientador:
Prof. Dr. Renan Ji

Rio de Janeiro
2023

JULIA ROCHA FIGUEIREDO

**DESPERTANDO OS FANTASMAS: O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA
LITERATURA FANTÁSTICA**

Monografia submetida ao Setor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português-Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Renan Ji

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

FIGUEIREDO, JULIA R.

Despertando os Fantasmas: o letramento literário através da literatura fantástica. Rio de Janeiro, janeiro de 2023.

Orientação: Prof. Dr. Renan Ji

Monografia (Licenciatura em Letras Português-Literaturas) - Setor de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras (FL), Centro de Letras e Artes (CLA), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2023.

1. Fantasia. 2. Literatura Fantástica. 3. Leitura Literária. 4. Letramento Literário.

JULIA ROCHA FIGUEIREDO

**DESPERTANDO OS FANTASMAS: O LETRAMENTO LITERÁRIO ATRAVÉS DA
LITERATURA FANTÁSTICA**

Monografia submetida ao Setor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português-Literaturas.

Data da aprovação: __/__/__

Banca examinadora:

Prof. Dr. _____ (Orientador)

Renan Ji

Prof.^a Ms.^a _____ (Avaliadora)

Carolina Fabiano Carvalho

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por Suas bênçãos, que me deram forças para chegar aonde estou hoje.

Aos meus pais, Sandra e Nil, que sempre se preocuparam com a minha educação e me incentivaram a ler desde pequena. Sem vocês, esse sonho não teria sido possível.

A minha avó Salete, pelo imensurável carinho, e as suas irmãs, minhas queridas tias-avós Maria da Paz, Maria Gorette (*in memoriam*), Maria de Fátima, Ângela Maria e Maria Auxiliadora. Obrigada pelas doces palavras de incentivo e por me mostrarem a força da mulher nordestina.

A minha madrinha Maíres e sua família, que sempre me receberam de braços abertos em sua casa.

Ao meu namorado, João Pedro, que me traz leveza nos momentos difíceis e é meu parceiro em todas as horas.

Ao meu orientador, Renan Ji, pelo acolhimento, pelos direcionamentos tão inspiradores e por ter acreditado em mim.

A todos os meus amigos, pela lealdade e pela força que me dão. Vocês são tesouros preciosos que a vida me deu. Obrigada por me mostrarem o poder da amizade.

A UFRJ e seus funcionários, em especial à Faculdade de Letras e àqueles foram meus professores durante a graduação, por terem me mostrado a importância da área que eu escolhi e a importância da oportunidade de acesso ao ensino superior. Levo um pouquinho de cada um de vocês dentro do meu coração.

RESUMO

FIGUEIREDO, Julia Rocha. **Despertando os Fantasmas:** o letramento literário através da literatura fantástica. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Literaturas) – Setor de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar o potencial da literatura fantástica de contribuir para o processo de formação de leitores através do letramento literário. Para isso, foi tomado como objeto de análise o livro infantojuvenil *O Despertar dos Fantasmas* da autora brasileira Malu Costacurta, lançado em 2021. A fundamentação teórica consiste em revisitar autores consagrados do campo da teorização do fantástico e articular suas ideias com as orientações dadas pela BNCC e pelo PNLD Literário para as práticas de leitura em sala de aula. No primeiro capítulo são introduzidas as noções de fantástico enquanto gênero, elaborada por Tzvetan Todorov, e fantástico enquanto modo, elaborada por Irène Bessiére, Rosemary Jackson, Filipe Furtado e Italo Calvino. Ademais, o capítulo também traz uma sinopse sobre *O Despertar dos Fantasmas*, relacionando suas características com as perspectivas genérica e modal. O capítulo dois trata dos conceitos de leitura literária e letramento literário e analisa detalhadamente o que a BNCC e o PNLD Literário prevêm sobre esses conceitos e sobre a literatura fantástica. Para exemplificar e reforçar o objetivo deste trabalho, também trago, neste capítulo, um relato de experiência de uma atividade de leitura envolvendo contos fantásticos realizada por estudantes de Letras da Universidade Federal da Paraíba. Por último, o capítulo três correlaciona *O Despertar dos Fantasmas* com o que consta nos documentos norteadores e comprova os motivos pelos quais ele, se tratando de uma fantasia infantojuvenil, se mostra como uma boa opção para promover o letramento literário em sala de aula. O capítulo também traz uma proposta de atividade baseada na sequência básica, elaborada por Rildo Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*.

Palavras-chave: Fantasia. Literatura Fantástica. Leitura Literária. Letramento Literário.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Julia Rocha. **Despertando os Fantasmas:** o letramento literário através da literatura fantástica. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Licenciatura em Letras Português-Literaturas) – Setor de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

This work aims to highlight the potential of fantastic literature to contribute to the process of reader education through literary literacy. To this end, the children's book *O Despertar dos Fantasmas* by Brazilian author Malu Costacurta, released in 2021, was taken as the object of analysis. The theoretical foundation consists of revisiting renowned authors in the field of theorizing the fantastic and articulating their ideas with the guidelines given by the BNCC and the PNLD Literário for classroom reading practices. In the first chapter the notions of fantastic as a genre, elaborated by Tzvetan Todorov, and fantastic as a mode, elaborated by Irène Bessiére, Rosemary Jackson, Filipe Furtado and Italo Calvino are introduced. Furthermore, the chapter also gives a synopsis of *O Despertar dos Fantasmas*, relating its characteristics to the generic and modal perspectives. Chapter two deals with the concepts of literary reading and literary literacy and analyzes in detail what the BNCC and the PNLD Literário provide about these concepts and about fantastic literature. To exemplify and reinforce the objective of this work, I also present in this chapter an experience report of a reading activity involving fantastic tales carried out by Letras students at the Federal University of Paraíba. Finally, chapter three correlates *O Despertar dos Fantasmas* with what is stated in the guiding documents and proves the reasons why it, being a children's fantasy, is a good option to promote literary literacy in the classroom. The chapter also includes a proposed activity based on the basic sequence developed by Rildo Cosson in his book *Letramento literário: teoria e prática*.

Keywords: Fantasia. Literatura Fantástica. Leitura Literária. Letramento Literário.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. FANTÁSTICO: gêneros, modos, fantasmas..... | 13 |
| 1.1. O fantástico segundo Todorov..... | 13 |
| 1.2. Fantástico gênero x Fantástico modo..... | 14 |
| 1.3. O Despertar dos Fantasmas..... | 15 |
| 2. FANTASIA: leituras e letramentos..... | 18 |
| 2.1. Conceitos..... | 18 |
| 2.2. Documentos norteadores..... | 20 |
| 2.2.1. BNCC..... | 20 |
| 2.2.2. PNL D Literário..... | 22 |
| 2.3. Fantasia na sala de aula..... | 24 |
| 3. DESPERTAR: fantasmas e leituras..... | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 31 |

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que se sabe que a literatura fantástica tem a incrível capacidade de cativar leitores. As crianças aprendem a ler com contos de fadas e fábulas, e frequentemente se mostram encantadas por esses universos onde objetos se movem sozinhos, plantas e animais falam e princesas fogem de bruxas para se casar com príncipes. Mas esse interesse não fica restrito somente à infância. É muito comum ver adolescentes e jovens compartilhando entre si, principalmente nas redes sociais, sobre suas experiências positivas ao lerem autores como J. K. Rowling, Rick Riordan, J. R. R. Tolkien, George R. R. Martin, Cassandra Clare, Sarah J. Maas, entre muitos outros que estão em alta no momento. No entanto, apesar disso, a literatura fantástica ainda é considerada por muitos professores e acadêmicos como um gênero inferior, propagando a ideia equivocada de que esse tipo de leitura não seria “válido”.

Por isso, o presente trabalho tem por objetivo evidenciar o potencial da literatura fantástica de contribuir para o processo de formação de leitores através do letramento literário. Foi tomado como objeto de análise o livro infantojuvenil *O Despertar dos Fantasmas* da autora brasileira Malu Costacurta, lançado em 2021. Os motivos que levaram à escolha deste livro foram: (1) trata-se de um livro nacional; (2) foi escrito por uma mulher; (3) tem como público alvo crianças e adolescentes maiores de 12 anos; (4) possui linguagem fluida, fácil e rápida de ser lida e (5) apresenta representatividade negra e LGBTQIAP+.

A fundamentação teórico-metodológica utilizada consiste em revisitar autores consagrados do campo da teorização do fantástico, como Tzvetan Todorov, Irène Bessiére, Rosemary Jackson, Filipe Furtado e Italo Calvino, e articular suas ideias com as orientações dadas pela BNCC e pelo PNLD Literário acerca das práticas de leitura em sala de aula. São abordados também autores como Amorim et al (2022), que fala sobre os conceitos de leitura literária e letramento literário de uma forma que estes estejam de acordo com os documentos norteadores, e Rildo Cosson (2009), que sistematiza atividades de letramento literário pensadas, principalmente, no aspecto prático, ou seja, na sala de aula.

1. O FANTÁSTICO: gêneros, modos e fantasmas

1.1. O fantástico segundo Todorov

O teórico búlgaro Tzvetan Todorov é tido como o grande precursor da classificação do fantástico como gênero literário. Seu livro *Introdução à literatura fantástica*, publicado em 1970, teve por objetivo elucidar, definir e categorizar questões referentes à literatura fantástica que não haviam sido teorizadas anteriormente.

Na obra em questão, Todorov traz uma definição inovadora daquilo que deve ser considerado, rigorosamente, como fantástico. De acordo com ele, “O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (Todorov, 2004, p. 31). Mais adiante, ele também cita que “Há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas cria o efeito fantástico.” (Todorov, 2004, p. 31).

Segundo ele, a incerteza diante dos fatos é a condição primordial para a existência do fantástico. Em outras palavras, é na oscilação entre o real e o imaginário que está a essência deste gênero. Além disso, o autor propõe outras duas condições que estabelecem a realização do fantástico na literatura. São elas: (2) a hesitação experienciada pelo leitor também pode ser vivida por uma das personagens, em que o papel de ambos se confunde, como numa espécie de jogo de espelhos; (3) para que a hesitação aconteça, é preciso que o leitor tome uma determinada atitude diante dos eventos narrados, descartando qualquer tipo de interpretação alegórica ou poética. Nota-se que a primeira e a terceira condições são indispensáveis para a manifestação e classificação do gênero na literatura, enquanto que a segunda pode ou não acontecer.

Todorov também salienta que o fantástico faz fronteira com outros dois gêneros semelhantes a ele, mas que apresentam singularidades importantes para sua diferenciação. São eles o estranho e o maravilhoso. No estranho, as narrativas costumam suscitar medo no leitor e nos personagens para, no fim, esclarecer que tudo não passava de uma ilusão. Um bom exemplo desse gênero são os contos do detetive Sherlock Holmes, escritos por Arthur Conan Doyle. Já no maravilhoso, os acontecimentos sobrenaturais mostram-se como parte integrante do universo da narrativa, como é o caso dos contos de fadas. Todorov afirma que o fantástico ocorre no momento da hesitação e logo depois desliza ou para o estranho, ou para o maravilhoso.

1.2. Fantástico gênero x Fantástico modo

Em contraposição ao fantástico como gênero elaborado por Todorov, temos a definição do fantástico como modo. O fantástico enquanto modo literário é mais amplo, pois compreende todo tipo de produção literária que contenha a presença do elemento sobrenatural, também chamado de insólito, como principal componente da narrativa.

Uma das primeiras dissidentes da visão todoroviana foi a teórica francesa Irène Bessièrre (apud Gama-Khalil, 2013). Para ela, a perspectiva genérica limita a diversidade de obras que poderiam ser classificadas como fantásticas. Bessièrre propõe, então, uma perspectiva modal, em que a presença do elemento insólito junto da hesitação são o suficiente para enquadrar uma obra literária como fantástica. Essa definição amplia a categoria e abarca as obras que foram produzidas depois do século XIX até a contemporaneidade.

Outra teórica que diverge da teoria do gênero é a autora americana Rosemary Jackson (apud Gama-Khalil, 2013). Ela concorda com Bessièrre (apud Gama-Khalil, 2013) ao afirmar que a literatura fantástica baseada na ideia de gênero é demasiado limitada e propõe uma compreensão do modo fantástico baseado no conceito de fantasia (*fantasy*). Em seu livro *Fantasy: The Literature of Subversion*, ela declara que

Pode-se sugerir que a fantasia é um modo literário do qual emergem vários gêneros relacionados. A fantasia oferece uma gama de possibilidades a partir das quais várias combinações produzem diferentes tipos de ficção em diferentes situações históricas. (JACKSON apud GAMA-KHALIL, 2013)

Para uma melhor compreensão do que seria a *fantasy* de Jackson (2009), analisemos o verbete a seguir, elaborado por Filipe Furtado e retirado do *Dicionário Digital Insólito Ficcional*.

Não tendo, até décadas recentes, tido grande curso na gíria literária de língua portuguesa, a palavra fantasia (enquanto denominação de teor genológico) reporta-se ao termo inglês *fantasy* e ao conceito por ele designado. [...] Dado o grande número e a heterogeneidade das narrativas que a noção de fantasia literária é susceptível de abarcar, as suas fronteiras revelam-se inevitavelmente vagas e fluidas, tornando difícil delimitá-la com clareza do resto da literatura. Apesar disso, dela se pode, desde logo, dizer que implica um pacto de leitura idêntico ao requerido pelo gênero maravilhoso, com plena aceitação por parte do receptor de todos os elementos insólitos surgidos no decurso da acção. [...] Um dos principais será o recurso frequente à magia e a outras práticas ou forças ditas esotéricas e sobrenaturais, em regra aceites e encaradas como algo natural pelas personagens com elas envolvidas. Tais elementos surgem, geralmente, enquadrados por cenários em que predomina o mistério, o exotismo e uma certa aura de extravagância. (FURTADO, 2019)

Ainda segundo a autora, o modo fantástico pode ser realizado de duas formas: o mimético e o maravilhoso. O mimético compreende as narrativas que imitam a realidade, enquanto que o maravilhoso engloba todas as narrativas nas quais não se questiona os

acontecimentos insólitos apresentados pelo narrador. A pesquisadora Marisa Martins Gama-Khalil aponta que

Jackson trata do maravilhoso e do mimético numa oposição que remete ao estudo de Todorov – o maravilhoso e o estranho –, contudo, não trabalha os dois pólos como gêneros distintos, mas como grandes formas geradoras do modo literário fantástico.” (GAMA-KHALIL, 2013).

Por último, temos a noção de fantástico segundo Italo Calvino. O autor define literatura fantástica como “a aceitação de uma lógica outra que leva para objetos outros e nexos outros, diversos daqueles da experiência diária.” (Calvino apud Gama-Khalil, 2013). No entanto, apesar de sua concepção se aproximar daquelas que foram propostas pelas autoras citadas anteriormente, ela difere em um detalhe muito importante. Para ele,

[...] no centro da narração não está a explicação de um fato extraordinário, mas a ordem que esse fato extraordinário desenvolve em si e ao redor de si, o desenho, a simetria, a rede de imagens que se depositam em torno dele, como na formação de um cristal. (CALVINO apud GAMA-KHALIL, 2013).

Ou seja, de acordo com Calvino, não é simplesmente a presença de um elemento ou acontecimento sobrenatural que define uma obra como fantástica, mas o fato disso se desdobrar como acontecimento central do enredo. É o que diz o professor Alexander Meireles da Silva, do canal *Fantasticursos* no *YouTube*.

O que caracteriza uma literatura como fantástica é o manejo, o trabalho que o autor faz tanto da temática, quanto dos elementos da narrativa, que são personagem, narrador, tempo, espaço e enredo. O que tem de ser visto é de que forma esses elementos indicam a presença e a importância do sobrenatural e do insólito dentro da narrativa. (SILVA, 2017)

1.3. O Despertar dos Fantasmas

O Despertar dos Fantasmas foi escrito pela autora brasileira Malu Costacurta e oficialmente lançado em 31 de outubro de 2021 de forma independente. Sua classificação indicativa é para maiores de 12 anos e apresenta conteúdos sensíveis que podem gerar gatilhos, como: violência e tortura não explícitas, abusos físicos e emocionais, morte parental, negligência familiar, ansiedade, homofobia e transfobia. Há um segundo volume da série, denominada *Os Cânticos do Céu e da Terra*, previsto para ser lançado em 2023. Logo, a análise feita neste trabalho contempla somente o referido primeiro volume.

O livro conta a história de três adolescentes de 15 anos que vivem no reino fictício de Athetera. Este reino é dividido em quatro regiões, que são associadas às estações do ano. Kira Thomi vem da região de Inverno, Sarya Khovac de Verão e Aywin Florens de Outono. O destino de Athetera está ameaçado por forças mágicas que querem retomar o poder dois milênios depois de terem sido derrotadas, e caberá a este trio proteger o reino.

A princípio, é possível perceber algumas referências implícitas a duas sagas muito conhecidas da literatura infantojuvenil. São elas *Harry Potter* e *Percy Jackson & Os Olimpianos*. Ambas as sagas contam com um trio de protagonistas adolescentes que se envolvem em uma ou mais missões com o objetivo de salvar o mundo. Além disso, há também a presença de mistérios, criaturas mágicas, forças do mal e ensinamentos marcantes sobre coragem e amizade.

No *Instagram* da autora, *@omaluniverso*, vê-se com frequência que ela faz menção a essas histórias como sendo uma fonte de inspiração para o processo de escrita de *O Despertar dos Fantasmas* e como um dos motivos pelos quais as pessoas devem ler seu livro, uma vez que os fãs das sagas poderão experimentar uma sensação nostálgica com sua história. Em dezembro de 2022, realizei uma pequena entrevista com a autora por e-mail e pedi para que ela falasse um pouco mais sobre como essas sagas a influenciaram a escrever seu livro. A pergunta foi feita da seguinte maneira: “Você já disse inúmeras vezes que Percy Jackson e Harry Potter te inspiraram na hora de escrever *O Despertar dos Fantasmas*. Fala um pouco mais sobre isso, o que essas obras significam pra você? Como elas te inspiraram?”. Como resposta, a autora disse que

Tanto Percy Jackson, quanto Harry Potter foram obras formadoras de quem eu sou hoje. Foram essas histórias que criaram meu amor pela fantasia, e foram elas que me deram vontade de começar a escrever. *O Despertar dos Fantasmas* é quase um tributo para esses dois universos. (COSTACURTA, 2022).

No entanto, é necessário frisar que, apesar das nítidas referências, um dos grandes destaques do livro é o fato de que Costacurta foi capaz de criar, com grande êxito, um universo único e original, com sua própria mitologia e organização sociopolítica.

Ademais, vale também propor uma análise mais aprofundada dos personagens. Em primeiro lugar, todos os três protagonistas fazem parte da comunidade LGBTQIAP+: Kira é bissexual, Aywin é gay e Sarya é lésbica e demissexual. A esfera da sexualidade é explicitamente nomeada na história e tratada como uma característica da personalidade de cada um deles, mesmo que não haja nenhum envolvimento romântico neste primeiro volume da série. Para além dos personagens principais, há também uma personagem transgênero, que protagoniza uma forte cena de transfobia no capítulo 14. Em termos de gênero e de raça, o trio foge um pouco dos estereótipos de *Harry Potter* e de *Percy Jackson & Os Olimpianos*, onde dois dos três protagonistas são homens e os três são brancos. Em *O Despertar dos Fantasmas*, temos dois protagonistas negros, Sarya e Aywin, e duas mulheres, Sarya e Kira. Isto posto, é possível inferir que a autora buscou, intencionalmente, trazer representatividade para a sua

história, dialogando diretamente com questões relacionadas à sociedade brasileira, o que torna a obra ainda mais atrativa para ser lida e discutida em sala de aula.

Em termos de classificação, seguindo o que foi explicitado nos dois subcapítulos anteriores, *O Despertar dos Fantasmas* pode ser enquadrado no gênero fantástico de Todorov, pois apresenta uma cena específica que mostra uma vacilação entre os universos natural e sobrenatural da história. A cena ocorre logo no primeiro capítulo, entre as páginas 20 e 21, quando a personagem Kira se depara com algo insólito ao se dirigir até a cozinha de sua casa para buscar uma caneca de chá. Nela, o narrador diz: "Foi apenas quando atingiu o último degrau que percebeu o vulto sentado em uma das mesas da taverna." (Costacurta, 2021, p. 20). O momento de hesitação termina na página seguinte, quando a configuração da narrativa toma o rumo do maravilhoso.

O mundo estava mais lento, e o corpo de Kira agiu por impulso. Ela viu o copo cair da mão da mulher, centímetro por centímetro. Viu o ar se movimentar ao redor dele. Viu os respingos de água balançando no vidro. Estendeu a mão para agarrá-lo e sentiu todo o seu corpo vibrar.

Ela teve certeza de que estava sonhando, porque sua mão assumiu um brilho dourado.

Ela teve certeza de que estava sonhando, porque o copo estava parado no ar, estático. (COSTACURTA, 2021)

A partir daí, nos capítulos seguintes, tudo se desenha para uma narrativa em que os acontecimentos sobrenaturais são parte do universo criado pela autora.

Quanto à perspectiva modal, por ser uma definição mais ampla, também contempla as características da obra em questão, principalmente se levarmos em consideração a definição de fantasia, ou *fantasy*, proposta por Jackson (2009) e Furtado (2019). Veremos mais adiante que a maneira como o edital do PNLD Literário de 2020 compreende a fantasia se aproxima muito mais desta noção, do que da noção de gênero.

2. FANTASIA: leituras e letramentos

2.1. Conceitos

Para dar prosseguimento à discussão proposta neste trabalho, é necessário lançar luz sobre dois conceitos que são indispensáveis quando se fala de formação de leitores e educação literária. O primeiro deles é o conceito de leitura literária.

No capítulo “A leitura literária e sua prática na escola” do livro *Literatura na Escola*, Amorim et al definem leitura literária como

aquela em que, diante do texto (social, política, cultural e historicamente situado), o leitor (igualmente situado) consegue reconstruir elementos que abrangem as dimensões cognitiva, ética e, também, estética de sua existência em sociedade. Vale destacar que essas dimensões são construídas de forma contextualizada, de modo que relações de poder macro e microssociais interferem em cada uma delas. Em outras palavras, a leitura literária decorre, assim como outros tipos de leitura, de uma integração sócio e historicamente situada, mas tem como diferencial o alcance da dimensão estética na pessoa. (AMORIM et al, 2022, p. 73)

Diante dessa definição, convém destacar duas noções que foram muito bem articuladas pelos autores. A primeira é a noção de leitura como uma “*interação* que se estabelece entre texto e leitor” (Amorim et al, 2022, p. 69). Tal perspectiva foge dos modelos que consideram a leitura somente como um processo de extração de informação, quando centrada no texto, ou como uma construção de sentido que depende principalmente do leitor. Amorim et al vão além e defendem o uso do termo *integração* em vez de interação.

O que pretendemos salientar com a mudança de termo é que, mais do que interagir, os elementos advindos de texto e leitor (bem como dos contextos sociais, históricos e políticos nos quais estão inseridos) efetivamente se integram, formando um novo produto, uma leitura única e que servirá de base para a construção de leituras e contextos outros. (AMORIM et al, 2022, p. 69)

A segunda foi a noção de exotopia, que também está presente na definição de letramentos literários e está ligada à dimensão estética da arte, neste caso, do texto literário. Aqui, a palavra “estética” não está ligada à noção de beleza, mas ao conjunto de sensações que um objeto artístico é capaz de despertar em nós e o potencial que ele tem de nos fazer enxergar a realidade de uma outra forma. É o que acontece, por exemplo, ao assistirmos a um filme sobre a Segunda Guerra Mundial, em que nos sentimos, de certa forma, afetados pelo sofrimento que os judeus vivenciaram. Ou seja, “a exotopia está relacionada à capacidade humana de, sem abandonar o seu lugar de existência, conseguir vivenciar o lugar do outro” (Amorim et al, 2022, p. 72), levando conosco aquilo que nos constitui (sentimentos, valores).

No próximo capítulo, será feita uma análise mais aprofundada sobre como o termo se apresenta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e quais são as suas implicações.

No capítulo “A questão dos letramentos e dos letramentos literários”, também presente em *Literatura na escola*, os autores definem letramentos literários como

movimentos contínuos, responsivos e ideológicos de apropriação do texto literário como construção de sentidos sobre os textos, sobre nós mesmos e sobre a sociedade, o que envolve: 1) a compreensão do texto literário como um tecido em construção ou texto infinito, com significados sempre em debate, abertos a questionamentos e contestações; 2) a possibilidade de construção contínua de atitudes responsivas – sempre ideologicamente guiadas – na integração com textos literários em diferentes contextos; e 3) um movimento exotópico de encontro com o outro e consigo mesmo, de alteridade pelo estético, numa perspectiva humanizante do ser humano coisificado. (AMORIM et al, 2022, p. 96)

Para compreender melhor essa definição, é necessário visitar outros dois autores que são essenciais quando o assunto é letramento literário. A primeira delas é a professora Magda Soares. Voltando um pouco, ainda no capítulo sobre leitura literária, os autores chamam atenção para o uso dos adjetivos *adequada* e *inadequada* sugeridos por Soares para se referir ao processo de escolarização da leitura literária.

Uma escolarização adequada não mataria o que a leitura literária pode oferecer, muito pelo contrário, ajudaria na construção de saberes para que, progressivamente, os alunos ampliem suas possibilidades com as dimensões afetivas e estéticas na leitura dos textos. (AMORIM et al, 2022, p. 65)

Já no capítulo “A questão dos letramentos e dos letramentos literários”, os autores trazem a visão do professor Rildo Cosson, que faz um breve resgate dos adjetivos propostos por Magda Soares. Para Cosson, o processo de letramento literário deve ser entendido em oposição à ideia de leitura literária como uma mera fruição, já que essa leitura depende do letramento literário. Em outras palavras, o autor defende que a literatura deve ser escolarizada para que o leitor tenha o repertório necessário para realizar uma leitura literária de maneira pertinente.

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2009, p. 23)

Foi pensando nisso que Cosson lançou, em 2006, o livro *Letramento literário: teoria e prática*, do qual foi extraída a citação acima. Seu intuito foi de lançar luz sobre o assunto, promovendo reflexões no âmbito teórico e sistematizando propostas de atividade para o âmbito prático. Pode-se dizer que o ponto forte do livro são as propostas práticas, denominadas *sequência básica* e *sequência expandida*, e as sugestões de oficinas.

O livro se popularizou rapidamente na época em que foi lançado e se mantém, até os dias de hoje, como uma leitura indispensável para professores de Língua Portuguesa, tanto os que já são formados, como aqueles que ainda estão em formação. No entanto, como bem pontuam Amorim et al (2022), não podemos considerar o que foi proposto por Cosson como uma fórmula mágica, adequada para toda e qualquer realidade de sala de aula. Ademais, há um aspecto negativo no livro que não pode ser deixado de lado, que é a falta de uma definição clara do que seria letramento literário.

2.2. Documentos norteadores

Os principais documentos que norteiam as práticas escolares de leitura e letramento literário são a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Neste capítulo, iremos analisar como estes termos se apresentam nos documentos e o que cada um deles orienta, nos âmbitos teórico e prático, sobre a leitura de textos literários em sala de aula.

2.2.1. BNCC

Começamos pela BNCC. O enfoque dado neste trabalho será para os anos finais do Ensino Fundamental, especialmente 8º e 9º anos, tendo em vista que a classificação indicativa do *corpus* em questão é para maiores de 12 anos, como exposto anteriormente no subcapítulo 1.3. Na página 87 do documento, são apresentadas as 10 competências de língua portuguesa para o ensino fundamental, ou seja, habilidades que o estudante deve desenvolver durante esse período de sua vida escolar. Na competência número 9, o termo *leitura literária* aparece pela primeira vez em todo o documento e pela única vez ao se referir ao ensino fundamental. É esperado que o aluno seja capaz de

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2018, p. 87)

Amorim et al (2022) chamam atenção para a ausência de uma definição ou explicação sobre o conceito.

A ausência de uma discussão sobre os termos pode deixar confuso o docente que tenta se utilizar da BNCC como um dos documentos norteadores de seus planejamentos e práticas no ensino fundamental. Como ele pode planejar um trabalho para a leitura literária, embasado na BNCC, sem ter uma noção objetiva do entendimento do documento sobre o conceito? (AMORIM et al, 2022, p. 42)

Mais adiante, a partir da página 136, o documento traz direcionamentos voltados para a disciplina de língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental, compreendidos entre 6º e 9º anos. São enumerados 4 campos de atuação dos usos da linguagem no cotidiano: campo jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública, campo das práticas de estudo e pesquisa e campo artístico-literário. O interesse desta pesquisa está nos direcionamentos presentes no campo artístico-literário. Na página 156, há um pequeno bloco de texto introduzindo o que exatamente esse campo prevê.

Para que a experiência da literatura – e da arte em geral – possa alcançar seu *potencial transformador e humanizador*, é preciso promover a formação de um leitor que não apenas compreenda os sentidos dos textos, mas também que seja capaz de fruí-los. Um sujeito que desenvolve critérios de escolha e preferências (por autores, estilos, gêneros) e que compartilha impressões e críticas com outros leitores-fruidores.

[...]

Aqui também a *diversidade* deve orientar a organização/progressão curricular: diferentes gêneros, estilos, autores e autoras – contemporâneos, de outras épocas, regionais, nacionais, portugueses, africanos e de outros países – devem ser contemplados; o cânone, a literatura universal, a literatura juvenil, a tradição oral, o multissemiótico, a cultura digital e as culturas juvenis, dentre outras diversidades, devem ser consideradas, ainda que deva haver um privilégio do letramento da letra. (BRASIL, 2018, p. 156, grifos nossos).

Nota-se que há menção à dimensão estética do texto literário e também à importância da diversidade e pluralidade de gêneros, estilos e autores. Porém, novamente, não há nenhuma explicação, apenas comandos simples e objetivos sobre o que o docente deve trabalhar.

A percepção que temos – ao nos depararmos com uma escassez de aprofundamento teórico, junto a uma gama extensa de comandos diretos na BNCC – é a de que o professor idealizado pelo documento não precisa de um embasamento consistente a respeito de suas práticas, mas precisa ser capaz de dar conta de uma extensa gama de comandos que direcionam seus afazeres: um professor que não questiona, mas cumpre as ordens! (AMORIM et al, 2022, p. 45)

Dentro dos campos de atuação, há a subdivisão em 4 eixos: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica, onde estão organizadas as habilidades que os estudantes devem desenvolver. Neste trabalho, o foco está em analisar as habilidades relacionadas ao eixo de leitura. Algumas delas são

(EF69LP44) Inferir a presença de *valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo*, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP46) Participar de *práticas de compartilhamento* de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, [...] dentre outros, tecendo, quando possível, *comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações* [...].

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um *desafio em relação às suas*

possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor. (BRASIL, 2018, p. 157 e 159, grifos nossos)

Percebe-se que as 3 habilidades supracitadas se relacionam diretamente com o conceito de letramento literário proposto por Amorim et al (2022). No entanto, o termo não é mencionado nenhuma vez ao longo de todo o documento.

O letrar literariamente na BNCC, assim como o tornar-se leitor, dialoga, dessa forma, com a ideia de leitor fruidor, crítico e ideologicamente guiado sem que nenhum desses termos seja amplamente debatido ou relacionado à questão literária. (AMORIM et al, 2022, p. 97)

Avancemos agora para a página 187, que exhibe habilidades direcionadas especificamente para 8º e 9º anos relacionadas ao eixo da leitura, dentro do campo artístico-literário. Uma das habilidades evidencia a importância da diversidade de obras e menciona gêneros literários associados à fantasia.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romaneadas, novelas, crônicas visuais, *narrativas de ficção científica*, *narrativas de suspense*, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BRASIL, 2018, p. 187, grifos nossos)

É aí que entra em jogo o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

2.2.2. PNLD Literário

O PNLD é o programa que regulamenta a compra e a distribuição de materiais didáticos em todo o território nacional. O PNLD Literário é uma parte deste programa, responsável pela aquisição e envio de obras literárias para as escolas. A escolha das obras que serão utilizadas deve estar de acordo com critérios estabelecidos pelo edital e em conformidade com a BNCC. Em 2020, foi lançada a edição mais recente do PNLD Literário voltada para a escolha das obras literárias destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). O edital divide a inscrição das obras em duas categorias, sendo a categoria 1 voltada para estudantes do 6º e 7º ano e a categoria 2 para estudantes do 8º e 9º ano. Este trabalho irá analisar o que o edital prevê para as obras inscritas na categoria 2.

Na página 5 do edital, o item 2.2.8. alega que “As obras literárias deverão ser adequadas à faixa etária dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental e estar em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular [...]” (Brasil, 2018, p. 5). Em seguida, são listadas 7 sugestões de temas para a categoria 2: (a) Cultura digital no cotidiano do adolescente; (b) Conflitos da adolescência; (c) Encontros com a diferença; (d) Sociedade,

política e cidadania; (e) Diálogos com a história e a filosofia; (f) Ficção científica, mistério e fantasia; (g) Outros temas. Nota-se que o tema (f) dá abertura para que os professores inscrevam obras fantásticas ou de temas relacionados. O programa não chama a fantasia de gênero, mas de tema, o que a aproxima da noção de modo abordada no capítulo 1.2. A noção de gênero entendida pelo documento vem a seguir, no item 2.2.13., que diz “As obras literárias poderão ser inscritas nos seguintes gêneros literários” (Brasil, 2018, p. 5), seguido de uma lista com 7 itens: (a) poema; (b) conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; (c) romance; (d) memória, diário, biografia, relatos de experiências; (e) obras clássicas da literatura universal; (f) livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos. Desse modo, entende-se que o tema fantasia provavelmente estará presente nos gêneros (b), (c) e (e).

Na página 49, o edital apresenta o Anexo IV, com os critérios para a avaliação das obras literárias.

Especialmente no caso da língua portuguesa, a literatura deverá contribuir para a continuidade da formação dos estudantes com vistas a promover, simultaneamente, *a compreensão e a fruição de textos*. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nessa etapa de ensino, devem ser formados leitores- fruidores capazes de “(re)conhecer diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (BRASIL, 2017, p. 154). Nessa perspectiva, o desenvolvimento do leitor-fruidor está intimamente ligado ao fomento do pleno exercício da cidadania. (BRASIL, 2018, p. 49, grifos nossos)

No item 1.1., que fala sobre a qualidade do texto, podemos ver os critérios que são utilizados para avaliar um texto narrativo, como um conto ou romance.

No caso de textos narrativos, serão critérios determinantes: a coerência e a consistência; a complexidade da ambientação; a caracterização multidimensional dos personagens e o cuidado com a correção e a adequação do discurso dos personagens às variáveis de natureza situacional e dialetal. (BRASIL, 2018, p. 50)

No item 1.2., que discorre sobre a adequação temática, mais critérios de avaliação são explicitados.

Nesse sentido, deve ser destacada a presença de protagonistas e sujeitos líricos de diferentes raças e etnias, gêneros, origens geográficas, classes sociais, faixas etárias etc. Na avaliação, serão observadas a capacidade de motivar a leitura e a exploração artística dos temas, bem como o potencial para ampliar as referências estéticas, culturais e éticas do leitor. (BRASIL, 2018, p. 50)

Por último, na página 52, o item 1.2.2. traz um quadro com a relação de temas da categoria 2 e o enfoque que as obras daquele tema costumam trazer. No tema denominado “*Ficção científica, mistério e fantasia*”, temos

Textos, predominantemente narrativas, cujos personagens se envolvam em tramas que escapem de seu universo cotidiano, incluindo desde histórias detetivescas, com

resolução de mistérios, até *universos fantásticos e figuras como bruxos, vampiros, fadas, gnomos, monstros etc.* (BRASIL, 2018, p. 52-53)

Com base nas orientações dadas pela BNCC e pelo PNLD Literário, observa-se que o livro “*O Despertar dos Fantasmas*” contempla os critérios exigidos para ser adotado como leitura literária no 8º e 9º anos. A seguir, veremos um relato de experiência que demonstra como a literatura fantástica pode ser um ótimo meio de incentivo à leitura e de letramento literário.

2.3. Fantasia na sala de aula

Uma pesquisa foi feita por estudantes de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), durante uma disciplina de estágio supervisionado, na qual decidiram promover a leitura de contos fantásticos em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola do município de Mamanguape-PB. A motivação para que o grupo realizasse essa pesquisa veio de questionamentos acerca do modo como a leitura literária era tratada na escola em que estagiavam: “A que textos os alunos são expostos em seu cotidiano escolar? Como esses textos são abordados pelos professores em sala de aula?” (Melo; Sales; Ramos; 2017). Constatando que nenhum dos alunos conheciam a literatura fantástica, os estudantes escolheram 3 contos para serem lidos em sala de aula. Os títulos escolhidos foram: “O Horla” (Maupassant, 1882), “A pata do macaco” (Jacobs, 1902), e “Casa Tomada” (Cortázar, 1946).

Antes da atividade, foi aplicado um questionário para cada um dos 22 alunos com o objetivo de conhecer seus hábitos e preferências literárias. Um dos principais autores que embasou a prática de leitura promovida pelos estudantes foi Rildo Cosson (2009). Em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*, ele afirma que

Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2009, p. 27).

Segundo o autor, ler é um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. Por isso, após a leitura individual de cada conto, os estudantes (agora, no papel de professores) reservaram um tempo para estimular que os alunos compartilhassem suas impressões e discutissem entre si os sentidos que construíram. Cosson alega que é dever do professor “criar as condições para que o encontro com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.” (Cosson, 2009, p. 29).

Na leitura do segundo conto, “A pata do macaco” (Jacobs, 1902), os professores observaram que não houve resistência quanto à extensão do texto.

No primeiro momento, os alunos demoraram um pouco a ler o texto, devido a sua extensão, porém a maioria não reclamou dessa questão, como é comum fazerem em outras aulas que envolvem a leitura de textos no livro didático, por exemplo. (MELO; SALES; RAMOS; 2017)

Braga e Bezerra (2014) falam sobre essa capacidade associada à literatura fantástica: “O poder encantador dessa literatura tem levado os jovens a fazerem até mesmo releituras de obras volumosas, e isso é o que chama a atenção [...]” (Braga; Bezerra; 2014).

Depois de realizadas as leituras e discussões dos 3 contos, foi aplicado outro questionário aos alunos para que eles avaliassem a experiência que tiveram. O resultado revelou que (1) 100% dos alunos afirmaram ter gostado de fazer a leitura do texto fantástico e têm vontade de ler outros textos dessa natureza; (2) Os alunos que antes disseram não gostar de ler, nesse momento, afirmaram ter sentido prazer pela leitura desses contos. Com isso, os estudantes concluíram que

[...] as narrativas fantásticas são um ótimo instrumento de incentivo à leitura, especialmente, para adolescentes. Percebemos que as sensações que esse gênero pode produzir no leitor, o enredo de mistério e o “jogo” que é feito pelo autor/texto, ao desafiar o leitor a descobrir mais sobre o que se passa no conto, aguçam a imaginação e despertam o interesse por outras leituras do gênero. (MELO; SALES; RAMOS; 2017)

A conclusão a que os estudantes chegaram em sua pesquisa confirma a hipótese de que a literatura fantástica tem grande poder de cativar novos leitores. Leão (2011) explica esse fenômeno quando diz que “A representação do sobrenatural na literatura se configura na busca de explicação e sentido para a existência, reflexo dos conflitos íntimos e anseios do homem da época.”. A ideia é reforçada pela professora e pesquisadora Regina Zilberman, quando esta diz que

Por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra foi concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com seu destinatário atual, *porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.* (ZILBERMAN apud MELO, 2018, grifos nossos)

Por último, as palavras de Braga e Bezerra (2014) resumem bem os sentimentos que a literatura fantástica é capaz de suscitar nos jovens leitores

As pessoas são impulsionadas a fazerem esse tipo de leitura, pelo fato de terem alto grau de identificação com a mesma, portanto, por serem receptivas às características do gênero; é um público majoritariamente adolescente, que imagina apto a suplantar situações como as constantes dos livros, qual fossem superpoderosos e imbatíveis. (BRAGA; BEZERRA; 2014)

3. DESPERTAR: fantasmas e leituras

Diante de tudo que foi explicitado nos capítulos anteriores, constata-se que *O Despertar dos Fantasmas* tem forte potencial para ser uma obra que contribui para o letramento literário de adolescentes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Os motivos para isso são:

Pode ser enquadrado na definição de modo fantástico, principalmente através do conceito de fantasia/*fantasy* proposto pelos autores Jackson (apud Gama-Khalil, 2013) e Furtado (2019), que aparece nos documentos norteadores com o nome de “tema”;

É classificado como literatura infantojuvenil, pois é indicado para maiores de 12 anos;

Apresenta intertextualidade com outros dois clássicos da literatura infantojuvenil;

Propicia a apreciação da dimensão estética do texto literário, em diálogo com a noção de leitor-fruidor apresentada na BNCC;

Apresenta personagens, incluindo protagonistas, que pertencem às minorias sociais, como mulheres, negros e pessoas LGBTQIAP+, o que contribui para a valorização e respeito à diversidade;

Promove a alteridade, princípio fundamental do letramento literário segundo Cosson (2009), através do potencial da fantasia de gerar identificação com os leitores, tanto em aspectos pessoais, como sociais;

Está de acordo com as exigências feitas pela BNCC em relação às práticas de leitura a serem desenvolvidas em sala de aula e à diversidade e pluralidade de gêneros, estilos e autores;

Está enquadrado nas sugestões de temas propostos pelo PNLD Literário para a categoria 2, mais especificamente no tema “*Ficção científica, mistério e fantasia*” e no gênero “*romance*”, além de cumprir com os critérios previstos para a avaliação de textos narrativos.

Na entrevista realizada com a autora por e-mail, foi feita a ela a seguinte pergunta: “Uma vez, você disse que seu sonho é ver *O Despertar dos Fantasmas* ser usado nas escolas como livro paradidático, para incentivar a leitura entre os jovens. O que você acha que *O Despertar dos Fantasmas* tem que pode contribuir para esse processo de formação de leitores?”. A resposta dela foi

Uma das maiores falhas da educação brasileira, ao meu ver, é forçar crianças a lerem clássicos desde o começo. Acredito que os clássicos são de enorme importância, mas que devem ser apresentados em momentos corretos, como a partir do ensino médio. Acredito que o [ensino] fundamental deveria buscar despertar o interesse das crianças pela leitura, com livros divertidos que eles possam realmente aproveitar. O

Despertar dos Fantasmas, eu acredito, é uma fantasia divertida e rápida de ler que conversa com um público muito grande, além de apresentar para os leitores um mundo onde pessoas racializadas e pessoas fora da heteronormatividade também podem viver grandes aventuras. (COSTACURTA, 2022)

Pensando em uma uma proposta prática, foi elaborado um roteiro de atividade de leitura do livro seguindo o modelo da sequência básica, sugerido por Rildo Cosson em seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2009).

A primeira parte da sequência se chama motivação e consiste em uma preparação para que o aluno “adentre” a história. Geralmente, sugere-se uma discussão temática.

[...] a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. [...] Ao denominar *motivação* a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. (COSSON, 2009, p. 54)

As perguntas seriam acerca da experiência dos alunos com a literatura fantástica: (1) Vocês conhecem o gênero da fantasia?; (2) Já leram alguma obra fantástica? Qual?; (3) Quem já leu, gostou da experiência? Por quê?; (4) Quem nunca leu, o que você espera encontrar nesse tipo de narrativa?.

A partir das respostas dadas às perguntas, desenharia-se a segunda parte da sequência, chamada de introdução. O primeiro passo seria apresentar a obra física.¹

A apresentação física da obra é também o momento em que o professor chama atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra. (COSSON, 2009, p. 60)

As perguntas norteadoras desta segunda parte seriam: (1) Olhando para a capa do livro, que lugar é esse que vocês acham que os personagens estão?; (2) Que horário do dia é esse? Como você deduziu isso?; (3) Olhando agora para os personagens, vamos descrever as características físicas de cada um deles; (4) Que idade eles aparentam ter, na sua opinião?; (5) Quantas meninas são? E quantos meninos?; (6) Qual é a cor da pele deles?; (7) Dois personagens estão segurando algo nas mãos. É possível, no nosso mundo, segurar esse tipo de coisa?; (8) O que mais te chama atenção na capa?.

Além disso, seria proposto aos alunos que dessem uma olhada na orelha do verso do livro. Ali, há uma foto da autora com algumas informações sobre ela, que funcionam como uma espécie de biografia.

A biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto. No momento da introdução, é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto. (COSSON, 2009, p. 60)

¹ Também é possível adotar a versão em e-book do livro, pois a capa e os elementos paratextuais são contemplados da mesma forma, sem prejuízo na participação ou execução da atividade.

As perguntas feitas seriam: (1) Vocês esperavam que a autora fosse jovem? Por quê? Qual deve ser a idade aproximada dela?; (2) Aqui diz alguns livros e autores que foram importantes para ela. Vocês conhecem alguma dessas referências?; (3) Vocês sabiam que podem conhecer mais sobre a autora e sobre as outras obras que ela já publicou lá no Instagram dela, @omaluniverso?

Por último, seria apresentada uma pequena sinopse da obra para que os alunos se sentissem instigados a realizar a leitura.

[...] cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. Nessa justificativa, usualmente se evita fazer uma síntese da história pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta. Em alguns casos, entretanto, essa estratégia pode ser usada justamente para despertar no leitor a curiosidade não sobre o fato, mas sim sobre como aconteceu. (COSSON, 2009, p. 60)

A sinopse seria breve, como a apresentada no capítulo 1.3.: “O livro conta a história de três adolescentes de 15 anos que vivem no reino fictício de Athetera. Este reino é dividido em quatro regiões, que são associadas às estações do ano. Kira Thomi vem da região de Inverno, Sarya Khovac de Verão e Aywin Florens de Outono. O destino de Athetera está ameaçado por forças mágicas que querem retomar o poder dois milênios depois de terem sido derrotadas, e caberá a este trio proteger o reino.”

A terceira parte da sequência consiste na leitura propriamente dita do texto. No entanto, é preciso lançar mão de estratégias e negociações para que os alunos se sintam motivados e acompanhados. Apesar de o livro ter uma linguagem fluida e simples, os leitores iniciantes ainda podem apresentar alguma dificuldade de interpretação.

A leitura escolar precisa de um acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo de leitura. (COSSON, 2009, p. 62)

É preciso também respeitar ao máximo o ritmo de leitura dos alunos, considerando a sua faixa etária, sua carga horária na escola, se já possuem o hábito da leitura e se já estão familiarizados com o gênero fantástico. Como se trata de um texto longo, seria interessante iniciar a leitura em sala de aula e delimitar, junto com os alunos, até onde eles devem ler para a próxima aula, quando se discutirá sobre os acontecimentos do que foi lido até então. Seguiria-se desse modo, sucessivamente, até que a leitura fosse finalizada.

Ao indicar o texto, é conveniente que o professor negocie com seus alunos o período necessário para que todos realizem a leitura e, dentro desse período, convém marcar os intervalos. (COSSON, 2009, p. 63)

Por fim, a última parte, denominada de interpretação, consiste nos atos solitário (momento interior) e solidário (momento exterior), que estão na base do letramento literário defendido por Cosson.

O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra. Esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura literária tal como abordamos aqui. (COSSON, 2009, p. 65)

É preciso que o aluno vivencie o momento interior para que possa compartilhar do momento exterior com seus colegas.

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como um ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. [...] Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2009, p. 65-66)

É através da troca de experiências que se consolida o letramento literário. Neste caso, seria proposto, na última aula sobre o livro, que os alunos manifestassem suas opiniões pessoais e que também ouvissem as opiniões dos colegas que quisessem se manifestar. Vale lembrar que o processo de interpretação deve ser minimamente direcionado pelo professor, tanto no momento interior, quanto no exterior.

Não cabe, por exemplo, supor que existe uma única interpretação ou que toda interpretação vale a pena. [...] Se for para haver limites, que eles sejam buscados na coerência da leitura e não nos preconceitos que rondam o letramento literário na escola. (COSSON, 2009, p. 66)

A atividade final seria que os alunos fizessem uma resenha de caráter avaliativo em que expusessem, com base nas suas interpretações pessoais e nas trocas realizadas em sala de aula, o que acharam da obra lida e se recomendam a leitura. Aqui, prevê-se que a turma já conheça o gênero resenha e suas especificidades, tendo o conteúdo sido apresentado em uma possível aula de redação ou de língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado, é possível dizer que o livro *O Despertar dos Fantasmas* é uma opção interessante de obra literária para ser trabalhada em turmas de 8º e 9ª ano do Ensino Fundamental no processo de letramento literário. Isso se dá porque a obra não só cumpre com o que é requisitado pela BNCC e pelo PNLD Literário, mas também porque ela é capaz de cativar os leitores através da identificação.

A segunda condição para a realização do fantástico na literatura, proposta por Todorov, se mostra essencial para que os adolescentes desta faixa etária se sintam incentivados a ler uma obra literária. O fenômeno do espelhamento acontece quando o adolescente vê suas próprias questões, sejam elas pessoais ou sociais, refletidas nos personagens e na narrativa que está sendo lida. Desse modo, seria interessante que os professores e demais profissionais envolvidos no letramento literário se atentassem às preferências literárias de seus alunos, buscando entender o que determinado livro ou gênero desperta neles, para que isso possa ser incorporado para as práticas de sala de aula. Ademais, também seria relevante que obras de caráter fantástico estivessem mais presentes nestas práticas, o que geraria engajamento por parte dos alunos em participar de forma mais ativa das atividades de leitura.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M.A. *et al.* A leitura literária e sua prática na escola. *In:* AMORIM, M.A. *et al.* **Literatura na Escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

AMORIM, M.A. *et al.* A questão dos letramentos e dos letramentos literários. *In:* AMORIM, M.A. *et al.* **Literatura na Escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

BRAGA, M. C. S.; BEZERRA A. A. **A literatura fantástica como incentivo à leitura**. Anais V ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2014.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf . Acesso em: 5 de dez. de 2022.

BRASIL. *Edital de convocação 01/2018 – CGPLI*. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas e literárias para o programa nacional do livro e do material didático. PNLD 2020.

COSSON, R. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTACURTA, Malu. **O Despertar dos Fantasmas**: Os Cânticos do Céu e da Terra. Campo Grande, MS: Ed. da autora, 2021. v. 1.

FANTÁSTICO GÊNERO X Fantástico MODO: Qual é a diferença?. Produção: Alexander Meireles da Silva, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7mmQaUiRa7c>. Acesso em: 12 out. 2022.

FURTADO, Filipe. “Fantasia/Fantasy”. Disponível em: <http://www.insolitoficcional.uerj.br/f/fantasia-fantasy/>. Acesso em: 12 out. 2022.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. A LITERATURA FANTÁSTICA: GÊNERO OU MODO?. **Terra roxa e outras terras**: Revista de Estudos Literários, UFU, v. 26, p. 18-31, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 12 out. 2022.

LEÃO, J. O. A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI. **Revista Húmus**, Set/Out/Nov/Dez. 2011.

MELO, Joaz Silva De. **Letramento literário: um exercício que pode ser fantástico**. Anais VII ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

MELO, J. S.; SALES, L. S.; RAMOS, L. S. Narrativas fantásticas: uma leitura que (des)encanta?. In: **Simpósio Nacional de Linguagens**, Gêneros Textuais, 4, 2017, Campina Grande: Realize, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.